



Apesar de serem maioria na capital do país, elas ainda estão em posição de desvantagem socioeconômica, de acordo com pesquisa do IPEDF/Codeplan. Situação se agrava quando é feito um recorte racial

As dificuldades de ser mulher e negra no DF

» MILA FERREIRA
» CÁSSIA SANTOS

As mulheres e meninas que residem no Distrito Federal representam mais da metade da população. Elas somam um total de 1.568.114. Destas, 57,4% são negras. O estudo *Mulheres e desigualdades de gênero em tempos de pandemia*, divulgado, ontem, pelo Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF/Codeplan), mostra um olhar interseccional às desigualdades, isto é, retrata as disparidades em recortes de gênero, raça e classe, mostrando um cenário socioeconômico desfavorável principalmente às mulheres negras. O levantamento foi desenvolvido a partir de dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) 2021.

A secretária da Mulher do Distrito Federal, Vandercy Camargos, destacou que vai considerar o levantamento apresentado ao conduzir políticas públicas para mulheres no DF. "Essa pesquisa é mais um embasamento para a secretaria, que trabalha com muito esforço para que essas políticas cheguem às mulheres de todos os pontos do DF. Os dados vão somar conosco para que possamos estabelecer políticas a partir de 2023", disse a gestora.

O levantamento apresentado pelo IPEDF mostra que, apesar das mulheres acima de 25 anos serem mais escolarizadas do que os homens, a taxa de desemprego delas é de 14,5%, representando quase o dobro da taxa de desemprego masculina: 7,7%. De acordo com o estudo, as regiões administrativas com maior número de mulheres com ensino superior são: Lago Sul (86,9%), Sudoeste/Octogonal (86,8%) e Park Way (82,9%), enquanto as regiões com menos proporção de mulheres com ensino superior são: SCIA-Estrutural (4,5%), Sol nascente/Pôr do sol (8,5%) e Fercal (8,9%).

Kécia Cristina Viana, 23 anos, moradora da Estrutural, está desempregada há dois anos, e vive do Auxílio Brasil, dado pelo governo federal. Mãe solo de duas filhas, estudou até o primeiro ano do ensino médio. Ela atribui à sua cor a dificuldade de encontrar emprego. "Eu e uma moça de pele clara estávamos

concorrendo a uma vaga de emprego e percebi que os empregadores optaram por ela por esse fato, porque fizemos o mesmo teste e eu acredito que me saí melhor. Isso me machuca", contou Kécia.

Luzenilde Campos Souza, 21, também moradora da Estrutural, é auxiliar de serviços gerais e trabalha em um supermercado no Cruzeiro. Mãe solo de três filhos, ela sustenta a família sozinha após o marido falecer em um acidente de moto. Luzenilde acredita que o fato de ter ensino médio a ajudou a conseguir o emprego. Ela conta que, por ser negra, os clientes questionam se ela é do Haiti, o que ela vê como discriminação. "Os clientes perguntam se sou do Haiti, acho que por causa da minha cor, do meu cabelo, até no posto de saúde as pessoas perguntam se sou brasileira", contou ela. Segundo Luzenilde, ela enxerga o cenário piorando a cada dia.

De acordo com a pesquisa, das mulheres que trabalham na informalidade, mais da metade são negras: 60,1%. A cantora, compositora e poeta brasileira Tatiana Nascimento, 41, acredita que a forma como a sociedade enxerga as pessoas negras dificulta a carreira que ela escolheu seguir. "Apesar da vida cultural preta no DF ser muito fecunda, falta incentivo público desburocratizado. Além disso, o imaginário racista atribui a mulheres negras lugares sociais de serviçào, subalteridade e silenciamento e isso representa uma das maiores barreiras das nossas carreiras artísticas", declarou ela. Moradora do Núcleo Bandeirante, Tatiana se define nas redes sociais como "brasileira sem orgulho". Como artista que produz cultura nas periferias, ela acredita que falta um olhar do Poder Público e da sociedade para além do Plano Piloto.

O estudo mostrou ainda que 49% das mulheres do DF são responsáveis financeiras pelo domicílio. Destas, 29,1% concentram-se no arranjo monoparental feminino, isto é, são mães solo. Enquanto isso, 72,6% das mães solo são negras. A brasileira Patrícia Ferreira, 43, trabalha como cuidadora de idosos de forma autônoma. Mãe solo de três filhos, ela se sente prejudicada pela falta de Políticas Públicas voltadas às mulheres negras. "Eu me sinto desfavorecida e diminuída devido à falta de políticas igualitárias. Para que as mulheres negras tenham uma existência mais justa no DF, acredito que é necessário abrir mais espaços de ala, posição, oportunidades e equilíbrios das ações", afirmou Patrícia.

Sustento

Para Kelly Quirino, professora de comunicação da Universidade Católica de Brasília (UCB) e especialista de gênero e raça, a marginalização da mulher negra é um reflexo do histórico de colonização que as colocou na base da pirâmide social. "Elas têm os piores indicadores socioeconômicos por conta de dois atrassamentos: pela questão de gênero e de raça. As mulheres acabam sendo inseridas no trabalho doméstico, braçal, dos trabalhos com piores remunerações. Muitas vezes, elas são mães solo, precisam sustentar várias pessoas e ainda têm os piores salários", analisou Kelly.

Cássia Santos



Luzenilde Campos Souza, moradora da Estrutural, é auxiliar de serviços gerais e enxerga a situação do racismo piorando a cada dia

Arquivo pessoal



Patrícia Ferreira: "Oportunidades e equilíbrio são necessários"

Emília Silberstein



Tatiana Nascimento: contra o silenciamento da mulher negra

Pedro Mello



Joice Marques: reação à manutenção de violências diárias

Cássia Santos



Kécia Cristina: a cor como dificuldade de encontrar emprego

Segundo a professora, é preciso um olhar interseccional por parte do Poder Público para que as mulheres conquistem um espaço justo na sociedade. "As políticas universalistas, que existem no Direito clássico, acabam beneficiando mais as pessoas pobres brancas. As pessoas pretas ainda têm muita dificuldade de acessar essas políticas por vários fatores: às vezes não têm documento formal, não têm moradia fixa, as informações não chegam nas localidades em que elas moram", explica a professora. "Quando se faz políticas interseccionais e de equidade, o diferente é tratado de forma diferente. O Estado precisa ir até onde as pessoas pretas estão, fazer cadastramentos, falar que elas

têm direito a creche, a auxílios, apresentar cursos de qualificação. As mulheres pretas estão apartadas do acesso ao conhecimento, informação, políticas públicas. Por isso, as ações interseccionais são mais efetivas para mudar a realidade das mulheres negras que estão em situação de vulnerabilidade social, trabalho informal e dificuldade de acesso ao trabalho e à moradia digna", completou ela.

A educadora popular, produtora cultural e gestora do quilombo urbano Casa Akotirene, Joice Marques, acredita que a posição marginalizada em que as mulheres negras são colocadas nas sociedades leva à manutenção de violências diárias. "Sabemos que a realidade das

mulheres e meninas negras é opressão. "É preciso que o Brasil se reconheça um país racista e é preciso que a gente mude a forma como as relações têm se dado historicamente. A mulher negra é quem tem feito a engrenagem da máquina Brasil rodar e funcionar. Precisamos de políticas antirracistas e políticas que de fato vão impactar na vida dessa população e dar oportunidade para que possamos quebrar barreiras históricas impostas para que a gente continue de lugar de subserviço e total abandono onde todas as violências nos alcançam. Não estamos mais no Brasil colônia, não estamos mais aqui para servir, estamos aqui para construir um futuro melhor para nós e para o Brasil", concluiu Joice.

mulheres e meninas negras é opressão. "É preciso que o Brasil se reconheça um país racista e é preciso que a gente mude a forma como as relações têm se dado historicamente. A mulher negra é quem tem feito a engrenagem da máquina Brasil rodar e funcionar. Precisamos de políticas antirracistas e políticas que de fato vão impactar na vida dessa população e dar oportunidade para que possamos quebrar barreiras históricas impostas para que a gente continue de lugar de subserviço e total abandono onde todas as violências nos alcançam. Não estamos mais no Brasil colônia, não estamos mais aqui para servir, estamos aqui para construir um futuro melhor para nós e para o Brasil", concluiu Joice.